

Agassiz foi o fundador do Museu de Zoologia Comparada de Harvard e professor em Harvard. O relato a seguir foi escrito por um de seus alunos, Samuel H. Scudder, sob o título “Agassiz and the Fish, by a Student” (*American Poems*, 3 ed. [Boston: Houghton, Osgood & Co., 1879], p. 450-454).

Agassiz e o Peixe

Faz mais de quinze anos que entrei no laboratório do professor Agassiz. Eu disse a ele que tinha me matriculado na escola de ciências como estudante de história natural. Ele me fez algumas perguntas sobre meu propósito em ter vindo, meus antecedentes em geral, o modo pelo qual me propunha a usar o conhecimento que pudesse adquirir e, finalmente, se eu desejava estudar algum ramo específico. A isto respondi que, embora desejasse ter uma boa base em todas as áreas da zoologia, pretendia me dedicar especialmente aos insetos.

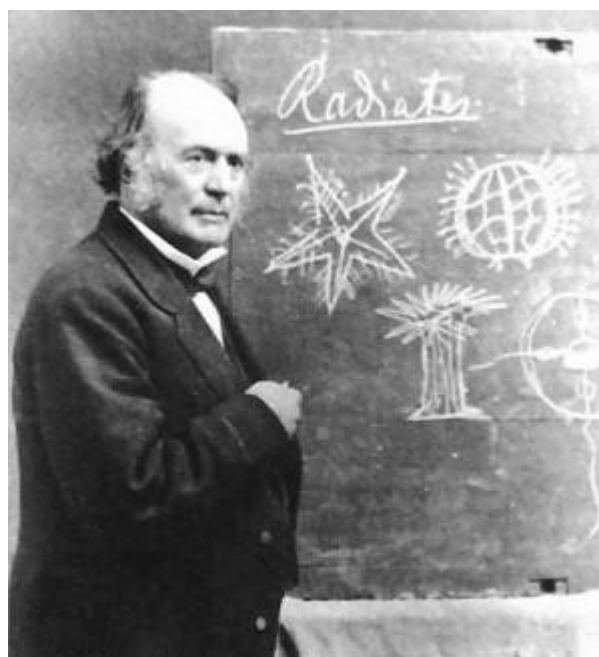
“Quando você deseja começar?” ele perguntou.

“Agora” eu respondi.

Isso pareceu agradá-lo e, com um enérgico “Muito bem”, ele tirou de uma prateleira um enorme pote com várias espécimes mergulhadas em álcool amarelo.

“Pegue este peixe”, disse ele, “e olhe para ele. Nós o chamamos de Haemulon. depois eu vou lhe perguntar o que você conseguiu descobrir sobre ele.”

Depois de dizer isso, ele me deixou... Eu tinha um sentimento passageiro de decepção, pois ficar observando um peixe não é algo que se peça a um entomologista ardente...



Em dez minutos, eu já tinha visto tudo o que podia ser visto naquele peixe, então, comecei a procurar o professor que, por sinal, havia saído do museu. Quando voltei, depois de ter passado um bom tempo vendo alguns animais estranhos que estavam guardados no apartamento de cima, o meu espécime já estava todo seco. Joguei fluido sobre o peixe como se quisesse ressuscitá-lo de um desmaio e olhei com ansiedade para ver se ele retornava à aparência normal e úmida de antes. Depois dessa pequena excitação, não havia nada para fazer senão voltar a olhar fixamente para meu companheiro mudo. Meia hora se passou, uma hora, outra hora; o peixe começou a parecer repugnante. Eu o virei e revirei; encarei-o: era medonho – por trás, por baixo, em cima, de perfil... totalmente horroroso. Eu estava em desespero; uma hora mais cedo, concluí que o almoço era necessário; assim, com um alívio infinito, recoloquei o peixe cuidadosamente no pote, e por uma hora eu estava livre.

Ao retornar, fiquei sabendo que o professor Agassiz estivera no museu, mas tinha ido embora e não voltaria por várias horas. Meus colegas estudantes estavam ocupados demais para serem perturbados por conversas contínuas. Lentamente, puxei aquele peixe hediondo e, com um sentimento de desespero, olhei novamente para ele. E eu não podia usar uma lupa, instrumentos de todos os tipos estavam vedados. Minhas duas mãos, meus dois olhos e o peixe – parecia um campo muito limitado. Empurrei meus dedos na garganta dele para ver o quão afiados eram seus dentes. Comecei a contar as escamas das diferentes fileiras até me convencer de que aquilo era bobagem.

Por fim, um pensamento feliz me ocorreu: decidi desenhar o peixe. E agora, surpreendentemente, eu estava começando a descobrir novas características na criatura. Nesse momento o professor voltou.

“Isso mesmo”, disse ele, “um lápis é um dos melhores olhos. Fico feliz em notar, também, que você mantém seu espécime molhado e sua garrafa arrolhada.

Com essas palavras encorajadoras, ele acrescentou:

“Então, quais são as características dele?”

Ele escutou com atenção meu breve ensaio da estrutura das partes cujos nomes ainda me eram desconhecidos; os arcos branquiais franjados e opérculo móvel; os poros da cabeça, lábios carnis e olhos sem pálpebras; a linha lateral, a nadadeira espinhosa e a cauda bifurcada; o corpo comprimido e arqueado. Quando eu terminei, ele continuou em silêncio como se esperasse mais, e então, com ar de decepção, disse:

“Você não observou com muito cuidado, porque”, continuou ele, com mais seriedade, “você não notou uma das características mais notáveis do animal que está tão clara diante de seus olhos quanto o próprio peixe. Olhe novamente; olhe novamente!” E ele me deixou com minha miséria.



Tomate, Haemulon aurolineatum.

Ilustração de Diana Rome, 1998.

Cortesia da *Florida Fish and Wildlife Conservation Commission*, uma Divisão da *Marine Fisheries*.

Fiquei irritado, humilhado. E tudo por causa daquele peixe infeliz? Então, desta vez, eu me dediquei à tarefa com vontade e descobri uma coisa nova atrás da outra, até perceber como a crítica do professor havia sido justa. A tarde passou rapidamente, e quando, ela estava perto do fim, o professor perguntou:

“Já consegui descobrir?”

“Não”, eu respondi. “Tenho certeza de que não, mas agora percebo o quão pouco eu tinha notado antes.”

“Isso já é uma coisa boa”, disse ele com sinceridade, “mas não vou ouvi-lo agora. Guarde seu peixe e vá para casa. Talvez, amanhã de manhã, você esteja preparado com uma resposta melhor. Amanhã, eu vou lhe perguntar antes de você olhar para o peixe de novo”.

Isso era muito desconcertante. Eu não só deveria pensar no peixe a noite toda, tentando descobrir, sem o objeto diante de mim, o que poderia ser essa característica desconhecida e, no entanto, visível, mas também, sem revisar minhas novas descobertas, deveria dar um relato exato delas no dia seguinte. Como eu tinha uma memória ruim, voltei para casa pelo rio Charles duplamente perplexo.

A saudação cordial do professor na manhã seguinte foi tranquilizadora; ali estava um homem que parecia tão ansioso quanto eu para que eu conseguisse enxergar por mim mesmo o que ele via.

“Talvez você queira dizer”, perguntei, “que o peixe tem lados simétricos com órgãos emparelhados?”

Ele ficou totalmente satisfeito: “Isso, claro!”. Tinham valido a pena as horas de vigília da noite anterior! Depois de ele ter discursado com muita alegria e entusiasmo – como sempre fazia – sobre a importância desse ponto, aventurei-me a perguntar o que deveria fazer em seguida.

“Ah, vá observar o seu peixe!” disse ele, e me deixou novamente por minha própria conta. Em pouco mais de uma hora ele voltou e ouviu o meu novo catálogo.

“Isso é bom, isso é bom!” ele repetiu, “mas não é tudo. Continue!” E assim, por três longos dias, ele colocou aquele peixe diante dos meus olhos, me proibindo de olhar para qualquer outra coisa, ou de usar qualquer ajuda artificial. “Observe, observe e observe”, ele mandava repetidamente.

E esta foi a melhor lição entomológica que já me deram – uma lição cuja influência se estendeu aos detalhes de cada estudo meu subsequente; um legado que o professor deixou para mim, como deixou para muitos outros, de valor inestimável, que não poderíamos comprar e do qual não podemos nos separar...

No quarto dia, um segundo peixe do mesmo grupo foi colocado ao lado do primeiro, e fui convidado a apontar as semelhanças e diferenças entre os dois; outros foram vindo depois, até que toda a família estava diante de mim, e toda uma legião de potes cobriu a mesa e as prateleiras ao redor. Aquele odor se tornara um perfume agradável e, mesmo agora, a visão de uma velha rolha de quinze centímetros, comida por vermes, traz lembranças perfumadas!

Todo o grupo de Haemulons foi assim posto em revista; e, independente de eu estar engajado na dissecação dos órgãos internos, na preparação e exame da estrutura óssea ou na descrição das várias partes, o treinamento de Agassiz no método de observar os fatos em disposição ordenada era sempre acompanhado pela importantíssima exortação a não ficar satisfeito com isso.

“Fatos são coisas estúpidas”, dizia ele, “até que sejam ligados a alguma lei geral”.

Ao fim de oito meses, foi quase com relutância que deixei esses amigos e me voltei para os insetos; mas o que ganhei com essa experiência externa valeu mais que os anos de investigação seguintes dos meus grupos favoritos.